

Um miniparadoxo chamado ANDORRA



Brasão da cidade

VICTOR BATAILLE

Encravado no coração dos Pireneus, este minúsculo principado soube adaptar-se à atualidade, conservando seu charme multissecular

ENTREI em Andorra através de altas montanhas, por uma estrada coberta de neve. Menos de meia hora depois, cheguei a um vale verdejante, banhado de sol, onde crescia viçosamente fumo transplantado dos trópicos. Meu destino era Andorra a Velha, a minúscula capital (2.500 habitantes) do minipaís, onde edifícios de vidro e alumínio disputam o espaço com velhos chalés de telhados de ardósia. Logo à chegada, deparei com o primeiro aspecto peculiar de Andorra: um homem embrulhado numa capa de veludo preto, usando um chapéu bicorne, ao volante de um enorme automóvel norte-americano. Um

ator a caminho do teatro, para alguma peça clássica? «Nada disso», disseram-me. «Trata-se do chefe do governo que vai para uma reunião do ministério.»

Andorra é minúscula, mas única em seu gênero. Situada no coração dos Pireneus, abrangendo 464 quilômetros quadrados e com 24.800 habitantes, tem um quinto do tamanho do pequeno Luxemburgo e 1/14 de sua população. No entanto, dentro do seu estreito âmbito, a natureza e o homem se combinaram para criar uma rica variedade de contrastes.

Do pico mais alto de Andorra, o Pla de l'Estany, com 2.951 metros, os olhos podem abranger toda essa



Vista geral do vale

amostra de país. Parece uma roda, com os vales fazendo de raios e 65 picos salientes formando o aro. Dessas montanhas fustigadas pelo vento, tirou Andorra seu nome, uma palavra céltica que significa «o vento mais alto». Três rios impetuosos (os três Valiras) e inúmeros cursos d'água correm nos vales primorosamente cultivados; e, encastrados nas altitudes selvagens, com superfícies tão lisas como safiras polidas, existem 180 lagos.

Mais notáveis ainda são os paradoxos econômico, lingüístico e político. Quando fui a um banco comprar moeda de Andorra, disseram-me que não existia semelhante coisa. Sendo um enclave

entre a França e a Espanha, no país são reconhecidos como moeda corrente tanto o franco como a peseta.

No entanto, os andorranos a quem pedi informações não me responderam nem em francês nem em espanhol, mas em catalão, a língua oficial. Etnicamente, os andorranos são catalães, da mesma raça que produziu o músico Pablo Casals, o pintor Salvador Dalí e o escultor Aristide Maillol. O ensino do catalão é obrigatório na escola, e a propagação da língua é promovida ainda pelo único jornal diário, três revistas e cinco casas editoras, assim como por 50 associações culturais. Deste modo,

os andorranos funcionam como porta-vozes de seis milhões de catalães dispersos por várias regiões da França e da Espanha, onde sua cultura não tem existência legal.

«Viajar em Andorra», disse-me Joseph Fontbernat, o escritor mais popular do país, «é viajar no tempo, muito mais do que no espaço. Os andorranos parecem viver ao mesmo tempo em todas as épocas desde a Idade Média até o século xx.»

No pequeno principado, há 17 mil automóveis, dois para cada três habitantes. Apesar disso, os pastores continuam conduzindo os rebanhos pelo mesmo caminho tradicional, através das ruas de Andorra a Velha. Um país cujas instituições governamentais se baseiam num tratado feudal com 700 anos de existência, é também o único na Europa Ocidental que escapou aos efeitos da atual crise econômica; ali não existe desemprego, e a renda *per capita* está crescendo ao excelente ritmo de 5% por ano.

Uma das particularidades do principado é ser governado conjuntamente por dois príncipes estrangeiros. O primeiro é espanhol, o bispo de Urgel, hoje Monsenhor Joan Marti Alanis, também catalão; seu co-soberano é nada menos que Valéry Giscard d'Estaing. Andorra acolheu-se à dupla proteção dos seus poderosos vizinhos em 1278, quando o conde de Foix e o bispo de Urgel, que de há muito disputavam a soberania do

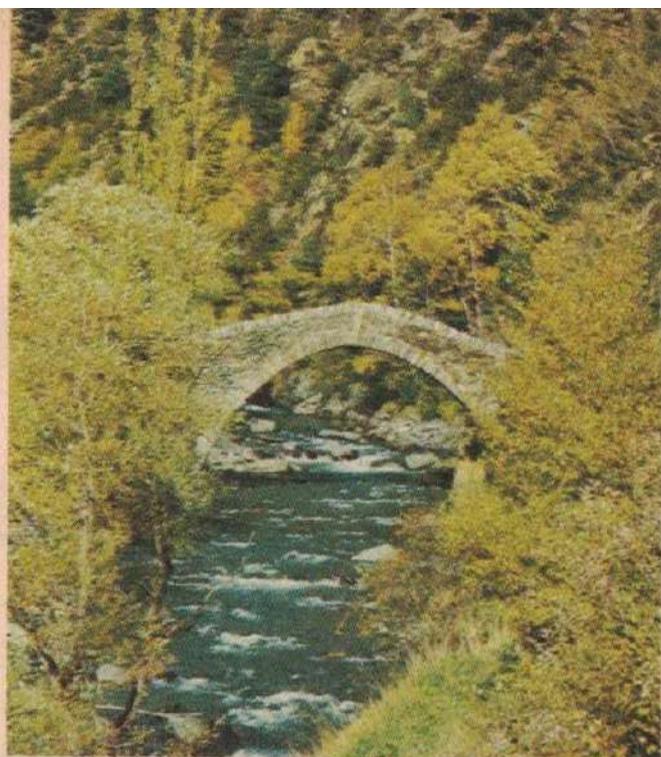
território, acordaram numa *paréage* ou partilha da autoridade. Mais tarde, quando os direitos da antiga Casa de Foix passaram para o estado francês, a função de co-príncipe passou para o presidente da França.

Os andorranos ainda continuam pagando pontualmente seu antigo tributo, a *questia*, aos príncipes: ao bispo, nos anos pares; à França, nos ímpares. A *questia* é de 960 francos ou 450 pesetas, mais um presente de presuntos e galinhas — o que não passa de migalha simbólica no atual orçamento anual do país, que monta a 171 milhões de francos.

Os dois príncipes exercem autoridade real e igual nos sistemas escolar e postal de Andorra. A França introduziu ali o telégrafo; a Espanha eletrificou o país. Uma companhia espanhola controla a Rádio de Andorra; uma companhia francesa dirige a Sud-Radio, que se orgulha de ser a emissora mais alta da Europa: 2.650 metros.

Para representá-lo, cada co-soberano nomeia um preboste, que reside em Andorra. O preboste francês, Claude-François Rostain, é um diplomata de carreira; o espanhol, François Badia, um advogado. Os dois são responsáveis pela manutenção da lei e da ordem, e são juízes no *Tribunal de las Corts*, o tribunal criminal, que tem um presidente vitalício. No entanto, exercem suas funções sem severidade: as penas de prisão são raras e, como não há cadeia

Em cima: *Ponte de San Antoni*
Ao centro: *Aldeia de Canillo*
Em baixo: *Andorra a Velha*



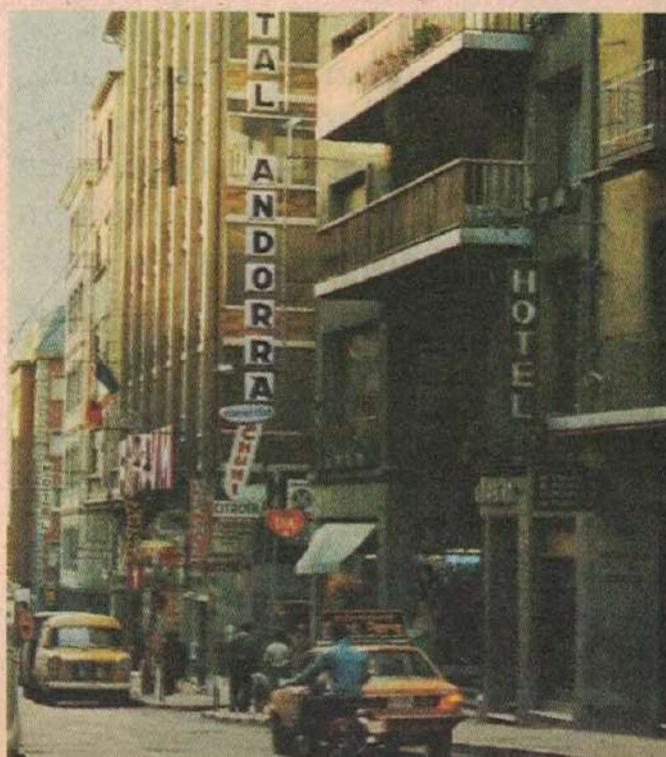
*Fachada da Casa de la Vall,
em Andorra a Velha*



em Andorra, os condenados podem escolher entre uma prisão francesa ou uma espanhola.

O tribunal funciona na venerável *Casa de la Vall* (Casa dos Vales), onde também se reúne o Conselho uma vez por mês. Quando entrei nesta imponente fortaleza de pedra ocre, onde flutua a bandeira azul, amarela e vermelha com as armas de Andorra, tive a sensação de estar na Idade Média. «Desde 1419», explicou meu guia, «é aqui que os conselheiros de Andorra têm deliberado. Para nós, a *Casa de la Vall* é tão sagrada como a Abadia de Westminster para os britânicos.»

O Conselho Geral dos Vales combina, de maneira singular, as



funções de um parlamento, um governo nacional e uma grande administração municipal. Tem 24 membros – cada uma das seis freguesias elege quatro deles.

Na Casa do Conselho, encontrei uma elegante escrivaninha de madeira talhada, muito antiga, com seis fechaduras. Gravada por cima de cada fechadura, estava o nome de uma freguesia: Canillo, Encamp, Ordino, La Massana, Andorra a Velha, Sant Julià. «É onde estão os arquivos do país», explicou o guia. «Cada um dos seis conselheiros principais tem sua chave. O móvel só pode ser aberto se todos estiverem presentes.»

Consta que os incansáveis conselheiros permanecem reunidos sem interrupção até resolverem um assunto, ficando vários dias na *Casa de la Vall* e se alimentando, entre as deliberações, com *rostos de mel* (fatias de presunto fritas em mel e vinagre). Se, apesar disso, não conseguem chegar a acordo quanto a um problema que afete os interesses vitais do país, é convocada a Grande Assembléia. Cada freguesia manda seus dois *consols* (prefeitos) e certo número de delegados para se reunirem com o Conselho em fórum aberto. Qualquer cidadão pode assistir e manifestar sua opinião antes do voto final. «É uma espécie de democracia ateniense», disseram-me. «Até os assuntos de Estado são tratados em atmosfera familiar.»

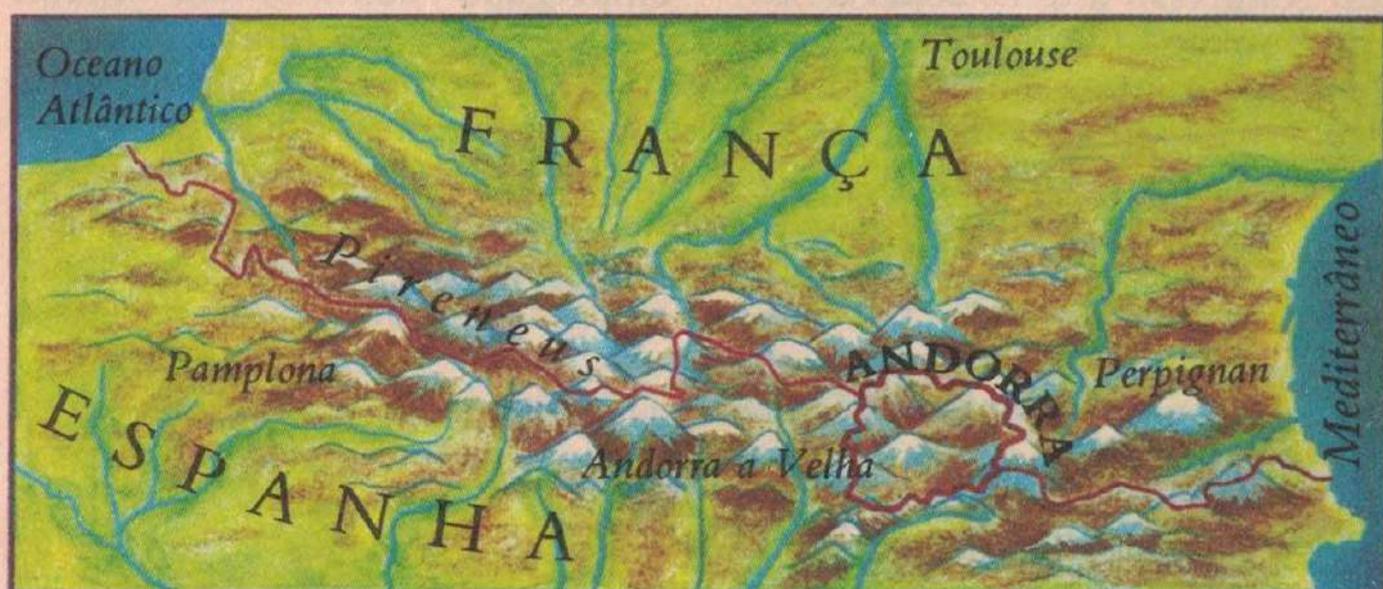
Antes da Segunda Guerra Mundial, eram menos de mil por ano

os turistas que se aventuravam nesta Arcádia. Fortaleza natural, desencorajava a entrada por via férrea ou avião. A única maneira de se chegar lá era pelo Cami Real, uma estrada do século XII; agora, uma excelente estrada asfaltada, concluída em 1953, leva-nos de Hospitalet (França), através de Andorra, a La Seo de Urgel, na Espanha. «Hoje», diz Lluís Muñoz, presidente da Associação Hoteleira, «estamos superlotados. Em 1975, cruzaram as nossas fronteiras quatro milhões de turistas; um milhão deles, esquiadores.»

Com falta de mercadorias básicas e tendo menos de 5% de terra arável, Andorra nunca foi país rico. Tem produzido pouco mais do que gado, madeira e fumo. Seus cidadãos, porém, sempre defenderam como sagrado o princípio da liberdade do comércio e, durante séculos, o contrabando foi uma espécie de esporte nacional. O *paquetaire*, com sua capa de estilo frígio (e que, evitando guardas-alfandegários franceses e espanhóis, vendia gado no Norte e fumo no Sul), ainda é um herói do folclore local, mas agora, com a afluência de turistas, os andorranos estão achando mais lucrativo oferecer aos visitantes, dentro das próprias fronteiras, os frutos da sua livre iniciativa. Muitos ex-contrabandistas dedicam-se atualmente a transações comerciais perfeitamente legalizadas, oferecendo artigos baratíssimos quase isentos de direitos alfandegários.

Nas ruas de Andorra a Velha, são tantas as lojas quanto as residências. Comprei uísque escocês a dez francos a garrafa e uma câmara japonesa por 250 francos. Todos os artigos franceses são vendidos sem o imposto de consumo, obrigatório na França. Andorra – não faz muito uma região de confrangedora pobreza – tor-

No entanto, a nacionalidade andorrana é distribuída a conta-gotas: só os *filhos* de pessoas nascidas no principado podem obtê-la. Todos os anos, nascem umas 700 crianças, filhas de estrangeiros; se todas recebessem a nacionalidade, a nação andorrana, que tem apenas 7.500 naturais, não passaria de uma ficção dentro de dez anos.



nou-se uma vitrina da sociedade de consumo e é hoje uma Hong Kong da Europa, em miniatura.

Embora os impostos de importação sejam diminutos (apenas 3%), fornecem, por si sós, 90% das receitas do país e, como os comerciantes não pagam contribuições nem imposto de renda, quase todos eles estão em plena prosperidade. «Meu sonho é ter um dia passaporte andorrano», disse-me um alemão, corretor imobiliário, um dos 16 mil estrangeiros que fixaram residência no país desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Apesar de seu reduzido tamanho, Andorra não se revela de uma só vez; é preciso descobri-la pouco a pouco. A primeira impressão do visitante é que o país não passa de um cenário de opereta; depois, seu interesse vai sendo atraído pelas admiráveis paisagens. Pode descobrir as rochas de Bruixes, com suas pinturas da Idade do Bronze, e a gruta Margineda, onde homens do neolítico guardavam seus utensílios. Pode visitar uma das 60 igrejas romanescas de Andorra, talvez San Juan de Casellas, extraordinária-

ria, com afrescos de fama mundial do século XII. Finalmente, acaba por conhecer o povo, altivo mas acolhedor. Quando nos abrem a porta, os andorranos não dizem «bom dia»; dizem «esta casa é sua».

Os andorranos têm consciência de ocuparem merecidamente um lugar especial na Europa, e se melindram com as brincadeiras sobre o tamanho do país. Durante um congresso internacional de turismo, quando um delegado canadense perguntou em tom sarcástico «quantos habitantes tem a sua província?», um andorrano que estava próximo replicou ironicamente: «Por quilômetro quadrado, 50 vezes mais do que o seu país.»

A maior parte dos andorranos que vivem no exterior sofre de saudades e anseia por voltar ao pequeno país, com suas montanhas e lagos. Aos 34 anos, Jaume Escuder tinha um bom emprego na França, como gerente da filial de um grande banco em Orleans; havia casado com uma francesa e comprado um apartamento. Hoje está de volta a Andorra, como empregado bancário no Crédit Andorran, e sua mulher tem de trabalhar também. «Não ganhamos tanto como no estrangeiro», diz ele, «mas somos cem vezes mais felizes. Qualquer pessoa que tenha nascido neste país, nunca mais pode arrancá-lo do coração.»

ENTRE O grupo de recrutas, ouvi um sujeito que acabava de chegar do interior apresentando seus dados pessoais a um jovem tenente. Depois de ter anotado nome, idade e lugar de nascimento, o tenente perguntou-lhe: «Religião?»

«Ora, não sei», respondeu o novato. «De qual é que vocês estão precisando mais?»

- R. F. Y.

EM VEZ de pedir ao médico ou à enfermeira que anunciassem o nascimento do meu primeiro filho, eu mesma quis fazer essa surpresa a meu marido, telefonando-lhe para dar a notícia. Logo que reconheci sua voz, comecei derramando novidades sobre aquelas últimas horas excitantes que havia passado. Por fim, terminei, esperando ansiosa pelos comentários do jovem pai. Em vez disso, a única coisa que chegou a meu ouvido foi a tímida pergunta: «Mas... quem está falando?»

- L. A.

QUANDO Georges Clémenceau escrevia no diário *L'Aurore*, sabia exatamente o que queria. Georges Mandel lembrou certa vez que, quando começou a trabalhar, Clémenceau deu-lhe o seguinte conselho: «É muito fácil escrever; basta apenas sujeito, verbo e predicado, e quando você quiser acrescentar um adjetivo, venha falar comigo.»

- J. P. L.